

A ilha do arco-íris



Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada

Ilustrações
Helena Pinheiro de Melo



A noite estava a ir embora devagarinho para dar lugar a mais um dia de sol. Já havia luz, uma luz rosada e suave a tingir as águas do mar, aquela hora muito calma, sem ondas. A tartaruga mais velha da ilha era sempre a primeira a acordar e gostava de ser ela a deixar marcas na areia lisa e branquinha. Às vezes encontrava-se com o velho mocho, que ao amanhecer dava por terminada a ronda noturna e recolhia à grande árvore da floresta que escolhera desde sempre para morar com a família.



O mocho e a tartaruga, considerados sábios, não se entendiam e passavam a vida a discutir porque tinham opiniões diferentes a respeito de quase tudo.

— A ideia de andar à torreira do sol e dormir quando está fresco e agradável é um perfeito disparate — dizia o mocho. — Só mesmo quem não sabe aproveitar o que a Natureza oferece!

— Disparate é não aproveitar o dia! A noite é que se fez para dormir — respondia a tartaruga.

— Quem é que decidiu isso? A noite é linda, suave e misteriosa.

— Misterioso é o mar, já reparou que às vezes está bravo, outras está manso? E que tal experimentar um mergulho? É uma sensação fabulosa!

— Sensação fabulosa é voar. Por que é que não tenta?

— Eu? Com esta carapaça?

Quando a conversa chegava ao ponto de proporem impossibilidades um ao outro, geralmente amuavam e preferiam não trocar palavra durante algum tempo.

Se naquela manhã a conversa entre os dois tomou novos rumos foi por causa de um navio que ambos viram aproximar-se. Era bem bonito, com velas brancas, bandeiras coloridas e viajantes a bordo.

— Quem serão? — perguntou a tartaruga.

— Não sei — respondeu o mocho.

— Grande novidade!

— Porquê?

— Porque você tem a mania que sabe tudo.



Se não fossem os estranhos visitantes o mais certo era zangarem-se, a curiosidade obrigou-os a ficarem espreitados na areia a olhar para o barco que se aproximava da praia.

- Estão a lançar a âncora.
- E os viajantes a desembarcar.
- Um canguru!
- É um koala!
- A terra deles é a Austrália, não sei o que vêm fazer para uma ilha onde só vivem tartarugas e mochos.
- Turismo?
- Talvez.

Aguardaram o desembarque e logo que os viajantes puseram os pés na terra foram perguntar-lhes se estavam ali de passagem e quanto tempo tencionavam ficar.



A resposta desconcertou-os, pois tanto o canguru como o koala disseram que queriam ficar naquela ilha para sempre.

— Para sempre? — gaguejaram a tartaruga e o mocho. — E porquê para sempre?

Quem tomou a palavra foi o canguru. Gorducho, de expressão determinada, trazia na bolsa um filhote já grandinho.

— Houve um incêndio terrível na nossa terra que deixou tudo queimado, ressequido, e nós aflitíssimos, sem saber o que fazer.

Ao falar no incêndio ficou tão triste que lhe saltou uma lágrima. Para disfarçar, assoou-se. Nessa altura avançou o koala que transportava o filhote às costas.

— Estávamos completamente desesperados, o que nos valeu foi um sinal que vimos nas nuvens.

— Nas nuvens?

— Sim. Um sinal que nos mandou para aqui.

— Tem a certeza?

— Absoluta. As nuvens indicaram a **ilha do arco-íris**. É aqui, não é?

O mocho e a tartaruga não tiveram outro remédio senão dizer que sim.

— Ainda bem! Estamos exaustos, precisamos de nos instalar, por favor, indiquem-me a zona dos eucaliptos — disse o koala com um suspiro de alívio.

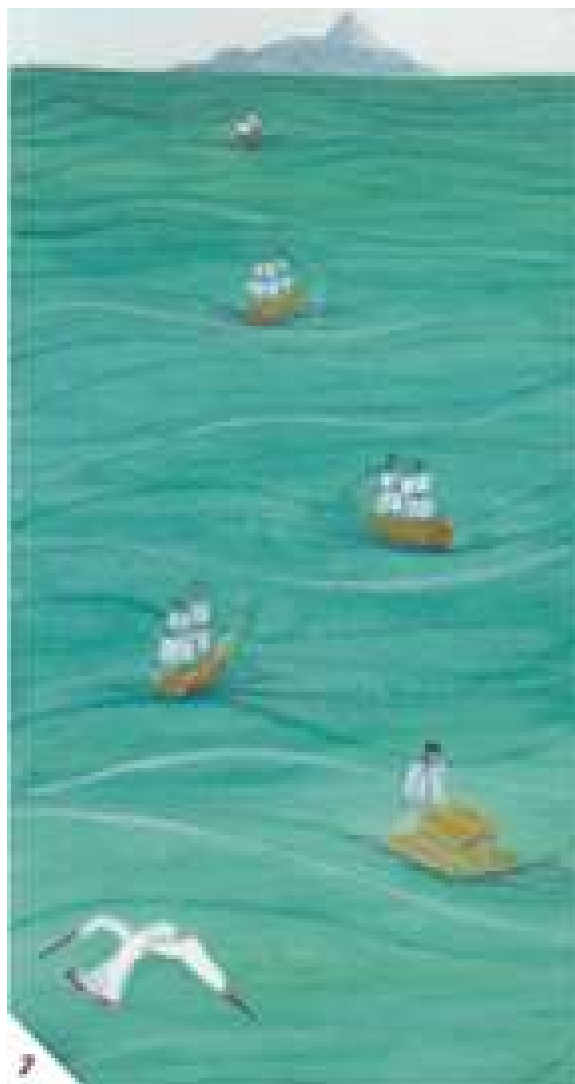
— E a mim a zona dos frutos — pediu o canguru.

A tartaruga, que tinha ficado com pena deles por causa do incêndio, mudou de atitude e resmungou ao ouvido do mocho.

— Que abusadores! Ainda mal chegaram e já acham que têm o direito a tudo e mais alguma coisa.

— Coitados! Precisam de casa e comida. Os eucaliptos não nos fazem falta nenhuma e sobram frutos no campo. Vou indicar-lhes o caminho.





Não chegou a fazê-lo
porque surgiram no
horizonte

mais cinco navios,
todos diferentes
e todos com passageiros
ansiosos por desembarcar.

— Ora esta, ora esta! —
barafustou o mocho. — Isto
é uma autêntica invasão!

— A nossa ilha não
aguenta tantos habitantes!
**Vai faltar espaço, vai faltar
sombra, vai faltar comida!**

O canguru e o koala,
mesmo sem conhecerem a
ilha, concordaram.

— Vocês têm razão!
Compreendemos muito
bem o que sentem. Mas, se
não há espaço para todos,
lembrem-se que **nós**
chegámos primeiro.

O navio que em frente lançava âncora vinha de África. Era o maior, transportava uma família de leões, e outra de elefantes. Sendo animais de grande porte, demoraram a saltar em terra. Os outros observaram-nos, admirando a maneira como se moviam e os ruídos extraordinários que produziam.



Pouco depois chegou um navio da Ásia, que só transportava um tigre e uma cobra. Logo a seguir o navio europeu com um grupo de lobos a bordo. E, quase ao mesmo tempo, uma jangada com bandeiras da América, onde se equilibravam papagaios e pica-paus.

A praia, até então "praia deserta", ficou repleta de seres vindos dos quatro cantos do mundo a contar a sua história.



— Viemos por causa de uma terrível seca — explicou o elefante. — Já não tínhamos que comer, nem que beber!

— E nós por causa de um tufão que destruiu tudo à nossa volta — disse o tigre.

— Pois nós fugimos de inundações horrorosas — disse o lobo, para quem os companheiros olhavam como se fosse o chefe do grupo.

Quanto aos papagaios e pica-paus foi difícil entender as suas razões porque falavam sem parar e todos ao mesmo tempo. Por fim lá se percebeu que o lugar onde viviam fora devastado por um tremor de terra.

A tartaruga e o mocho, embora cheios de pena dos recém-chegados que tinham sido vítimas de causas naturais violentíssimas, interrogavam-se perplexos: "Se o mundo é tão grande, por que raio terão vindo todos parar à nossa terra?"

Pois a justificação não variava: um **sinal** nas nuvens anunciara que deviam procurar vida nova na ilha do arco-íris. E eles tinham obedecido, convencidos que ia correr tudo bem. Afinal as complicações não se fizeram tardar. A primeira começou logo por causa do leão que resolveu apresentar-se como rei a quem todos deviam obedecer. Conforme seria de esperar, as reações foram péssimas.



— Rei? — barafustavam os lobos — Nós não temos rei, temos um chefe, o lobo alfa, e só ele nos orienta. Não reconhecemos a autoridade de mais ninguém!

— Nem nós — guincharam os papagaios. — Somos voadores livres e democratas, vivemos em bando mas cada um trata de si e nem precisamos de orientações.

— Tal e qual como nós — acrescentaram os pica-paus. — Quem tem asas não está disposto a obedecer aos que têm o corpo coberto de pelos.



A cobra ouvia-os divertida e saracoteou-se com trejeitos provocadores.

— Não há ser mais independente do que a cobra. Tenho muito orgulho na minha condição por saber que têm medo de mim e do meu veneno.

A discussão azeda e inesperada inquietou bastante o mocho e a tartaruga, que se queixaram um ao outro.

— Parece que se acabou o sossego!

— Eu nem quero pensar! Nós que nos entendíamos tão bem, nós que nunca brigávamos, vamos ter de aturar isto?

— Se tentássemos convencê-los a ir embora?

— Como?

— Dizendo que esta ilha é perigosa e que serão muito mais felizes noutra sítio qualquer.

— É uma hipótese. Mas se perguntarem porque não vamos nós os dois embora também, o que respondemos?

— Não sei, amiga tartaruga, não sei!



O escândalo seguinte rebentou quando o leão mandou as leões irem em busca de comida e elas foram.

— As mulheres é que trabalham? — disse o tigre com ar de troça.

— Você devia ter vergonha! Forte como é e ainda por cima com a mania da realeza, manda as suas mulheres para o trabalho e fica aí a pasmar?

O leão soltou um rugido de fúria e quis atirar-se ao tigre que se prontificou para a luta. Se não fosse o elefante impedi-los de se envolverem, tinha havido briga da grossa.

— Calma! — berrava de tromba erguida e orelhas a abanar. —

Então isto é maneira de começar vida nova?

Os papagaios e os pica-paus concordaram. O problema é que só se manifestavam falando todos ao mesmo tempo e a barulheira tornou-se ensurdecedora.



— Calém-se! — ordenou o canguru furioso. — O meu filhote quer dormir e não consegue.

— Nem o meu — reclamava o koala. — Ele precisa de dormir muitas horas, ainda é pequeno.

— Pequeno? Cá por mim acho que já não tem idade para andar às suas costas — disse a tartaruga indignada. — Você e o canguru julgam que fazem bem às crianças, mas só as prejudicam por andarem sempre com elas ao colo. Assim ficam mimadas e não sabem tornar-se independentes.

— Ora essa! As crianças no princípio de vida precisam muito dos pais.

— Mas sem exageros — disse o mocho. — Os meus ficam no ninho algum tempo, mas logo que chegam à idade própria, ponho-os a voar sozinhos.

— E qual é a idade própria?

— Entre as tartarugas, é mal saem do ovo. Nunca ninguém me viu de filhotes às costas. Saem do ovo e vão sozinhas para a água.



— Também os meus — disse a cobra. — Concordo absolutamente com esse tipo de educação. A liberdade na infância é que nos torna despachadas.

A mãe elefanta acompanhava as discussões sem interferir. De vez em quando abanava a cabeça, abanava as orelhas, rebolava os olhos. A partir de certa altura tentou serenar os ânimos e fez-se ouvir.

— Parem com isso! Não veem que são todos diferentes? Cada um tem o direito de ser como é se não prejudicar os outros!

Ninguém lhe prestou atenção porque se tinham deixado arrastar pela fúria e a zanga impede sempre raciocínios justos e boas soluções.

O mocho, triste e acabrunhado por pensar que a sua ilha ficara definitivamente arruinada com a presença dos novos vizinhos, regressou à árvore onde vivia, enfiou a cabeça nas penas e tentou dormir. O pior é que os papagaios e os pica-paus se espalharam por aquela zona da floresta e fizeram tal chinfrineira que se tornou impossível conciliar o sono.





Os dias que se seguiram foram um verdadeiro inferno. Se os navios e a jangada não tivessem desaparecido na primeira noite, ó mais certo era alguns resolverem procurar outra ilha, de preferência deserta, ou uma península, uma ponta de terra extensa onde pudessem instalar-se sem voltar a tropeçar uns nos outros. Sem meios de transporte e sem forças nem ânimo para retomar a viagem, continuaram a deixar-se arrastar por zangas inúteis, dias estúpidos, brigas sem sentido nem fim à vista. A **ilha do arco-íris** com a sua bela praia, a sua magnífica floresta, os rios e os lagos, as colinas verdes salpicadas de flores lindíssimas e a espantosa montanha com um pico lá no alto a apontar o céu e enfeitado por uma eterna capa de neve, tinha realmente tudo para ser um paraíso onde podiam ser felizes. E afinal o mal-estar aumentava e agravava-se todos os dias.

Assim foi, até àquela manhã em que se começou a formar uma **onda gigantesca** na linha do horizonte. A primeira a vê-la foi a tartaruga, que já estava na praia. Assustada, deu o alarme.

— Vamos ser varridos por um tsunami! Temos de fugir!

A notícia passou rapidamente de boca em boca e de bico em bico. pouco depois estavam todos na praia estarecidos a olhar para o mar. E a onda a crescer, a crescer e a avançar em direção à ilha. Se não fugissem depressa, seriam engolidos. O problema é que o medo paralisara igualmente os grandes e os pequenos, os voadores e os rastejantes, os que caminhavam, os que rastejavam e os que voavam. Nenhum falava, mas todos pensavam o mesmo.

— É o fim do mundo!





De repente ouviu-se um grito de tartaruga:

— Vamos para a montanha! Amigo mocho, você sabe o caminho, guie-nos lá para cima!

O mocho não hesitou um instante. Abriu as asas, voou em círculo para ter a certeza que não faltava ali ninguém e depois chamou:

— Sigam-me! Mantenham-se juntos e não me percam de vista!

Pica-paus e papagaios voaram atrás dele, o leão ofereceu-se para levar a tartaruga às costas e tomou a dianteira, seguido pela mãe elefanta que levava o koala e o seu filhote. O canguru aos saltos, procurava não pisar a cobra. Os lobos organizaram-se em formação atrás do chefe e o tigre rematou o cortejo disposto a salvar quem ficasse para trás.



Escalaram a montanha por um trilho estreito e íngreme, mas ninguém se queixou nem sentiu o cansaço. Quando chegaram lá acima, perto da neve, juntaram-se muito juntinhos para se aquecerem e foi de olhos arregalados e a alma num susto que viram a ilha ser varrida pelo ferocíssimo tsunami que os podia ter engolido de uma vez por todas.

— Que horror! Que horror!

Uns choravam, outros riam, abraçavam-se e até a cobra participava lembrando entre lágrimas.

— Eu não vou usar o meu veneno, não tenham medo de mim!

Quando puderam regressar a casa sentiam-se diferentes e muito melhores. A tartaruga e o mocho, que tinham indicado o caminho da salvação àqueles que horas antes queriam ver pelas costas, tornaram-se simpatiquíssimos, conforme é habitual se as pessoas estão contentes consigo próprias.



Ambos distribuíram carinhos pelos filhotes do koala e do canguru. A cobra, delirante por terem acreditado nela, não se cansava de os acarinhar também. O leão, o lobo alfa e o tigre conversavam e riam como três velhos amigos, fazendo questão de garantir às mulheres que não tinham tido medo nenhum. Elas fingiam acreditar e riam à socapa das gabarolices do trio masculino.

Aproveitando o clima de **paz**, a mãe elefanta elevou a voz para finalmente dar bons conselhos sobre a maneira como se deviam organizar.



— Esta ilha tem espaço, tem alimentos, tem água, tem sombra que chegue para todos. Cada um, ou cada grupo, pode e deve viver à sua maneira. Se a tartaruga põe ovos na areia e o canguru anda com o filho na bolsa, qual é o problema? Nenhum. O problema é andarem a dizer mal uns dos outros e a fazerem críticas inúteis que só servem para criar mau ambiente. Deixem-se disso e concentrem-se nos casos em que se tornam incomodativos. Papagaios e pica-paus fazem muito barulho de dia, não é? Ora se o mocho vive de noite e dorme de dia, têm de ter isso em consideração e devem afastar-se para uma zona da floresta onde não haja mochos.

Eles deram razão à mãe elefanta e pediram desculpa ao mocho, que se mostrou compreensivo. Palavra puxa palavra, alguns grupos decidiram mudar de poiso para se movimentarem mais à vontade sem perturbar a vizinhança. A mãe elefanta sugeriu que se reunissem ao fim da tarde na praia, toda a gente gostou da ideia e ao fim da tarde compareceram risonhos, renovados, prontos a partilhar experiências. Continuavam sentados lado a lado, em círculo amigável, quando viram formar-se um arco-íris nítido e completo por entre as nuvens que corriam no céu.

Estava-se tão bem ali!



A ILHA DO ARCO-ÍRIS

Ficção Narrativa

5-7 ANOS

TEMÁTICA ABORDADA:

Tolerância e compreensão intercultural
versus

Linguagem de ódio, intolerância, racismo
e xenofobia

CIDADANIA
ATIVA

EEA
grants



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
CIDADANIA ATIVA

Observatório
da Língua Portuguesa



AVL

ASSOCIAÇÃO PARA
O VOLUNTARIADO
DE LECTURA